

Transcrição
Memórias do Brasil
Fernando Mello

Intro

(PP) HUGO ALVES: Respeitável público, não percam, hoje aqui na Praça de Pádua, os "Palhaços do 14" tem o orgulho de apresentar a mais engraçadíssima, a mais "estardalhos", a mais "bufanesca" comédia: Fernando Mello da Costa.

(V.O) FERNANDO MELLO: A força de um artista vem de suas derrotas, sua alma atormentada pode trazer para a voz um formato de passo, a Arte não tem pensam. O olho vê, a lembrança rever e a imaginação transver. É preciso transver o mundo.

Vinheta de Introdução

Bloco 1

(PA) FERNANDO MELLO: O que, que é um cenário? É A geografia do espetáculo, a topografia do espetáculo, é Teatro! Antes de mais nada, é Teatro.

(PM) Moacir Chaves: Bem, Fernando é um sujeito criativo, trabalhador, ele é um artista no sentido da construção do objeto, inteligente, perspicaz e uma espécie de mago também. Por que as vezes a gente conversa, conversa e conversa, discute e eu acho que a gente não tá se entendendo absolutamente. E quando ele chega com uma resposta concreta, objetiva, material aquela conversa, aquela discussão, o sentido toda a discussão está naquela proposta e isso é sensacional. Ele traz resoluções, cenários, propostas que são exatamente o que a gente tava pensando. Exatamente que naturalmente nenhum daqueles envolvidos teria condição de formular aquela resposta plástica e isso é sensacional. Isso é muito bacana porque eu nunca tenho problema quando eu tenho a impressão que nós não estamos nos entendendo, porque a experiência mostra que sim, nós estamos nos entendendo.

(PM) ADERBAL FREIRE FILHO: É... eu concebo sobre, sou obrigado a conceber sobre espaço básico, um espaço de ação, a partir do qual o Fernando tem toda liberdade do mundo. Então é isso, eu me surpreendo sempre como Fernando já chegou em ensaio e disse, por exemplo alguma peça que a gente fez junto e que ele não pôde ir aos primeiros ensaios e disse, ele chegou e disse: "Ué, mas você já fez o cenário?". Por que eu já definir digamos o espaço da cena. E aí ele dizia: "Eu não tenho mais o que fazer". Esse "Eu não tenho mais o que

fazer!" do Fernando, é surpreendente. Por que o que ele faz nesse "Eu não tenho o que fazer" é um voo de imaginação e de, é... criação plástica, como não tem em... Não sou capaz de imaginar, criação plástica e a criação cenográfica, enfim, dentro desse "Eu não tenho o que fazer". Ele recria o mundo! Você pode dar o mundo feito, mas quando você vai olhar para o mundo conforme ele fez, é um mundo novo.

(PM) ANDRÉ CURTIS: Fernando pra mim é uma pessoa de uma, de uma capacidade de transformar justamente o universo simples em uma coisa completamente fantástica. A experiência com Fernando foi muito interessante porque foi a primeira vez que a gente não criou o nosso próprio cenário, crio com ele né? E... criamos um universo completamente, absurdo com restos de um acidente que teve em um lugar que a gente tava ensaiando na nossa sede do rio, que o telhado vou. Então na verdade agente começou a recuperar canos da casa estragado, pedaços de telhado, objetos estranhos, enfim. E fomos transformando a churrasqueira que os pedreiros usavam virou a máquina de tortura que o personagem torturava os ratos, enfim. A gente foi transformando e criando um universo completamente absurdo, muito haver com o tema do espetáculo sobre o fim do mundo.

(PM) ARTHUR LUANDA RIBEIRO: O primeiro contato que eu tive com Fernando foi mais pela pessoa, por que a gente não acompanhou a obra dele inteira quando a gente tava na Europa. Então, eu tinha muito mais conhecimento por vídeos, fotos, do trabalho dele, não vi o conjunto da obra dele. Então, a primeira impressão que eu tive dele foi da pessoa dele e eu me identifiquei por que ele tem essa, esse encantamento juvenil do projeto. Ele... e eu me identifico porque eu sou assim, empolgado, 100%, superlativo tudo. É uma, como se a gente tivesse entrando em um mundo encantado, tivesse montando um quebra-cabeça e a cada peça que vai sendo montada, tem um olho que brilha. E eu nunca me esqueço de um garimpo que a gente foi fazer em um ferro-velho lá em Benfica os três, eu o André e o Fernando, a gente parecia que estava em um parque de diversão, a gente queria levar todo ferro-velho e a gente pegou muita coisa e era quilos, tinha que pesar. Quando a gente começou a colocar aquilo tudo que era sei lá 200kg de material, bom, agora vamos peneirar de verdade o que é essencial. E a gente tirando "Nossa, jura que isso aqui a gente não vai levar? ", "Não, não podemos Fernando isso é muito pesado, são de 50kg não posso! " "Vamos e esse aqui? " (risos). A gente ficou negociando os objetos pesados que poderiam entrar pro espetáculo.

(PM) DANIEL HERZ: Fernando pra mim é meio um mago! Por que o mago ele é traz seduções mágicas para o que as vezes é um enigma. Toda vez que eu trabalho com o Fernando, toda vez

que eu vou dirigir uma peça, antes é bom falar isso. Toda vez que eu vou dirigir uma peça eu não tenho ideia ainda como eu vou fazer, eu gosto desse perigo de não ter clareza de como eu vou fazer o espetáculo. Ir descobrindo, aquela coisa mesmo, assim de a página em branco, e ir descobrindo como é que você vai fazer. E o Fernando nesse sentido é um parceiro incrível porque, todas as vezes que eu trabalhei com o Fernando ele me surpreendeu, o olhar dele sob o espaço. E o que é mais interessante é que a surpresa que ele traz é totalmente harmonizado, vinculado com o que ele tá vendo em cena. Nunca aconteceu do Fernando trazeres uma proposta e eu falar assim, eu pensar no meu íntimo, "Muito legal, muito criativo, muito interessante, mas... não tem muito a ver com o que eu tô fazendo. Ou, não tem muito a ver com o que eu tô imaginando. Ou não tem a ver com a dramaturgia." Não, sempre é surpreendente. Mas é totalmente vinculado a experiência concreta que está se desenvolvendo em uma sala de ensaio.

(PP) HUGO ALVES: Aos diabos, aos diabos, com os pangs cansados.

(PP) FERNANDO MELLO: Esse espaço é maluco e as estradas mal tratadas

(PP) HUGO ALVES: Haverá jamais um homem como eu, assim cansado.

(PM) FERNANDO MELLO: Haverá algo imundo.

(PM) HUGO ALVES: Quase então arrebatado. Me mandaram bem na frente, vai lá, vai lá, vai lá. Para acender o fogo.

(PM) FERNANDO MELLO: Eles vem atrás da gente, tão chegando, logo, logo.

(PM) HUGO ALVES: Bate o queixo, trinca os dentes, cola a língua ao céu da boca. Eu, eu tô ficando até doente.

(PM): A voz tá ficando rouca. Aos diabos, aos diabos e se eu não fosse fogo em brasa, nesse frio do cassete, eu não chegaria em casa.

(PM) HUGO ALVES: Obrigado senhor, cheguei.

(PM) DANIEL HERZ: Se renunciarmos ao cenário tradicionais, não será por razões formais. Existem razões mais importantes. Em seu lugar, chegaram formas que poderão expressar e terão contatos dramáticos com o ator.

(c) ARTHUR LUANDA RIBEIRO: A imagem abstrata não é um adorno, é um universo fechado que existe por si e onde que nasce a

vida. A dinâmica, as tensões, as energias, as relações. Nesse sistema o objeto e o homem atraem toda atenção sobre eles.

(MPP) ANDRÉ CURTIS: No Teatro, o naturalismo é artificial e ridículo. Uma árvore naturalista no cenário, resulta chocante por sua ingenuidade e estupidez. Por outra parte, as formas abstratas aplicadas a construção de um objeto, não são mais como a estilização falsa sempre. Só as formas, puramente abstratas, que existem por si mesma, terão sua própria existência. Uma existência concreta.

(c): Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balança, nem com barômetro, etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produz em nós.

(PPP) DANIEL HERTZ: A escada o leva a nenhuma parte. Mas é uma forma de ascensão a queda.

(V.O) DANIEL HERTZ: Antes de tudo ela está lá, presente.

(P.M) ADERBAL FREIRE FILHO: Então a relação de um diretor com um cenógrafo é muito próxima, muito íntima é muito... Enfim, una! Quer dizer, muito íntima. Por que se o cenógrafo, por exemplo, me propuser um cenário que não esteja... que não tenha sido, conceituado, concebido conjuntamente. Eu nem saberia o que fazer com ele. Então, o Fernando sou eu cenógrafo. Eu acho que uma coisa mais resumida seria assim: O Fernando sou eu cenógrafo. É, eu queria ser o Fernando. Ou seja, o Fernando é um artista plástico incrível, com uma consciência cênica incrível

(PM) MOACIR CHAVES: Uma peça de Teatro é uma intervenção no mundo. Ela é parte do mundo, ela não é alguma coisa que está a reboque de uma outra, ela é uma coisa em si. Ela é uma afirmação daquele momento, da presença, da materialidade da cena, do corpo dos atores, é um pensamento que se materializa. É uma intervenção no mundo! E o Fernando, compactua com isso, no sentido em que ele constrói coisas que são, contundentes, que se relacionam, que as pessoas se questionam do sentido daquilo. Elas têm uma potência plástica enorme! E isso é incrível, por mais simples que o cenário seja. As vezes são soluções muito simples e mesmo assim, impactantes nesse sentido de criar um diálogo com o telespectador.

(V.O) FERNANDO MELLO: Só se pode ganhar autonomia através de relações estreitas, com totalidade da Arte. Assumindo risco permanente que isso representa. Com todos os seus problemas, seus perigos, suas surpresas. A única redução das

investigações artísticas as experiências profissionais que se perdem em geral em automatismos ingênuos e simplificantes.

(PM) DANIEL HERZ: Eu tenho essa referência mesmo, eu acho que ele é um grande artista. Então quando eu vou fazer alguma coisa que vai transformar um pouco, eu vou fazer alguma ponderação que vai, que vai mexer, vai mudar vai restringir, vai modificar um pouco a proposta dele, eu vou assim, com toda reverência do mundo. Por que eu acho que essa reverência, é necessária, tamanho talento, entrega, dedicação que ele tem a cada processo. Ele, eu nunca vi um cenógrafo ir tantas vezes ao ensaio como Fernando vai. Ele gosta dos ensaios, ele não tem aquela coisa sumária que todos nós estamos vivendo no mundo tão imediatista, tão sumário de querer escrever as coisas rapinho pra poder fazer mais coisas. Fernando parece que tem outro tempo interno. E isso, faz dele essa potência toda.

(PA): FERNANDO MELLO: O Teatro, vou falar do Tetro né? Que a Arte que eu... a Arte tem um dever social. É uma arte social, é uma arte que depende do telespectador pra existir. Eu acho que esse é o dever dela, comunicar, a época.

(PM) PAULA ALMEIDA: Me solta Catarina. Me solta Shakespeare. Me solta Catarina! Me solta Shakespeare!

(PM) WAGNER MOURA: Por que você me trata assim? Eu sempre te amei. Mas não importa! que Hércules faça o que puder. O gato vai miar. E o cão vai ter seu dia.

(PM) ADERBAL FREIRE FILHO: Esse conceito, do espetáculo e da cenografia e da dramaturgia, trabalham muito juntos. Por que a gente vai criar um universo, de sugestões. De apenas estimulação. E essa estimulação precisa ter uma combinação muito íntima entre o que o espetáculo propõem, a consciência do que é possível e a realização e a tradução física disso. Que é a Arte do cenógrafo e que existe de forma brilhante no Fernando.

(PM) DANIEL HERZ: E o Fernando, ele tem essa poesia dentro dele, tem sempre o olhar surpreendente, sobre a dimensão poética que tá por trás de cada espetáculo e de cada experiência concreta que vai acontecendo no ensaio. Então, ele fica lá, fica assistindo, fica naquele silêncio. E aí quando ele abre a boca, como se fosse a coisa mais natural do mundo, como se ele tivesse a meses ali. Ele fala algo que é um deleite para o diretor. Por que é tão, mágico o olhar dele sobre o espaço, que é como se fosse um presente para ao diretor. Eu acho que essa é uma imagem interessante. Trabalhar com o Fernando é como se você ganhasse um presente, a cada processo.

(Vinheta de comercial)

Bloco 2

(PM) ARTHUR LUANDA RIBEIRO: E eu lembro uma ansiedade de mostrar o projeto pra gente, e ansioso de como a gente ia achar e aquilo tudo. E eu lembro desse momento muito forte da ansiedade dele e do nosso encantamento do que ele tava propondo. Que a gente tava indo em uma boa direção e aí quando projeto começou a ganhar corpo, ele foi nascendo de pouco a pouco, não foi um cenário que chegou e que foi montado. Também um quebra-cabeça, foi chegando um pedaço, um outro pedaço, um outro pedaço. De pouco a pouco, essa instalação plástica foi nascendo dentro da nossa casa. Então, ele vinha nos ensaios. Ele é um cenógrafo de processo. Ele vem toda semana, ele participa, ele liga, ele quer saber como é que evoluiu. "E aí, mudaram tudo hoje?", "Não, não, essa semana tá tudo como estava!" "Ah tá bom!"

(PA) FERNANDO MELLO: A cenografia é em si uma grande mágica, você sai do papel branco, pra uma construção. Uma coisa que é vivenciada pelo ator, então isso é uma grande mágica, essa transformação aí.

(V.O) FERNANDO MELLO: Todo mundo chama de violento, há um rio turbulento. Mas ninguém se lembra de chamar de violenta, as margens que o aprisionam. Nós do Morro, fundado em 1956.

(PM) PAULA ALMEIDA: O grupo aconteceu na minha vida quando eu tinha 16 anos. Eu fui apresentada por um aqui que através de um amigo que é ator lá, Babú Santana. E, desde então, "experenciarmos" a fórmula como é trabalhada lá no grupo, a arte né? Todo mundo fazendo tudo. Todo mundo junto por um mesmo trabalho. E lá também eu fui apresentada a produção. Como lá todo mundo faz tudo, mesmo que você não esteja em cena, você é encaminhado a tá participando de todas as áreas do espetáculo. Enfim, e lá foi a minha primeira experiência com Teatro, minha primeira experiência com a escolha que eu fiz pra minha vida. Hoje em dia eu vivo trabalhando com o Teatro. Não só como atriz.

(PM) LORENA BAESSO: O Nós do Morro, vou usar uma frase clichê assim que é um divisor de água na minha vida. Eu sou de Minas Gerais eu vim fazer Teatro no Rio. Eu participei de alguns pequenos grupos e quando eu conheci o Nós do Morro foi um encantamento, paixão mesmo assim. Eu pude mesmo ter o contato de não só reproduzir alguma coisa, mas de participar, de construir algo.

(PM) HUGO ALVES: O Nós do Morro pra mim é referência. E é uma referência porque é minha referência artísticas, como ator, como professor, como artista mesmo. E uma referência de vida! Eu entrei no Nós do Morro muito cedo. Eu entrei no Nós do Morro eu tinha 14 anos. E o Nós do Morro é um grande, um dos grandes responsáveis pela minha construção. Como ser humano, como homem também. E eu devo grande parte de tudo, de aprendizado, de as mínimas coisas assim artísticas, ao Nós do Morro. Eu acho que Nós do Morro é fundamental pra mim nesse sentido.

(c) PAULA ALMEIDA: Pode alegrar-se coma minha tristeza. Senhor, para lhe agradar eu me curvo humildemente. Meus livros e instrumentos serão meus companheiros de solidão, com eles eu tocar e aprender sozinha.

(PM) PAULA ALMEIDA: Senhores, assim me ofendem de forma dupla, lutando por uma escolha que é minha. Eu quero aprender somente aquilo que me dá prazer. E para por um termo a discussão, o Senhor pegue o seu instrumento e vá para aquele cantinho. O tempo de dar o tom, será o tempo gasto na aula de Filosofia. Entendeu?

(PA) FERNANDO MELLO: É uma pergunta difícil! Não. (risos.) Eu acho que a gente é o que viveu é o acúmulo, é a soma de tudo que foi vivendo. Eu passei dentro do Teatro por vários, fui ator, fui iluminador, fui aderecista. E isso foi acumulando, eu fora do Teatro, vim acumulando 550 experiências chegando até aqui.

(PP) ADERBAL FREIRE FILHO: Desinventar objetos, o pente por exemplo, dar ao pente, funções de não pentear, até que ele fique à disposição da begônia, ou uma gravunha. Usar algumas palavras que ainda não tenham idiomas.

(PM) ARTHUR LUANDA RIBEIRO: O Fernando é plural né. Então são vários objetos. Poderia ser um guarda-chuva gótico. Ele poderia ser uma cadeira absurda do século XVI.

(PM) ANDRÉ CURTI: Ou um bastão para apoiar a cabeça.

(PM) DANIEL HERZ: Ou uma teia de aranha que você é capturado por essa teia, no primeiro momento você fica assustado, achando que você tá prisioneiro. E que vai, talvez tenha vivido uma experiência assustadora e quando você vê essa aranha ela vai tecendo a Arte junto com você. É uma teia de Arte.

(P.A) ADERBAL FREIRE FILHO: Podia ser uma cadeira no meio do mar. Por que o Fernando constrói muito com pouco.

(P.A) FERNANDO MELLO: Eu acho que ela tem o dever de catar utopias. Eu acho que A Arte é invenção. É força limite. Eu acho que é a força são de limite do homem, força são de limite da sociedade. Eu acho que ela tem, esse poder transformador sim. Dever de transformar.

(PM) DANIEL HERZ: A Arte e por tanto ela própria, nessa tensão que ela cria entre realidade e imaginação. Entre o real e o imaginário, entre a fantasia e o concreto, ela estabelece uma tensão utópica. E acredito que essa tensão utópica ela provoca permanentemente o homem em busca de um horizonte melhor, que o caminho, o caminhar em direção ao horizonte melhora a sociedade. Caminhar em direção a esse horizonte salva o homem. Eu acho então que a Arte é o, digamos, o fenômeno, utópico por excelência.

(V.O) FERNANDO MELLO: Tenho razão de sentir saudades. Tenho razão de te acusar. Por impacto implícito rompestes e sem te despediste foi-se te embora. Detonar-te o pacto, detonar-te a vida geral. A comum aqui essência de viver e explorar os mundos da obscuridade. Sem prazo, sem consultas, nem provocação, até o limite das coisas caídas na hora de cair.

(V.O) FERNANDO MELLO: Desafio do auto-retrato. No retrato que me faço, traço a traço, as vezes me pinto nuvem, as vezes me pinto árvore. No final, o que restará? Um desenho de criança terminado por um louco.

(PPP) FERNANDO MELLO: Eu sou Frenando Mello da Costa.

Vinheta final.